

DA ITALIA

Roma, setembro — Escrevo na véspera de uma greve de funcionários públicos — inclusive os ferroviários, que paralisarão os trens por 24 horas. O governo explica que o deficit deste ano é calculado em 360 bilhões de liras e que não é possível dar um aumento maior do que o concedido. Mas os funcionários respondem que 3 por cento é pouco; dizem que em pouco mais de um ano o custo de vida subiu de 13 por cento. O governo anuncia aumento no preço do gás e dos fosfatos para a lavoura.

Mas Roma continua alegre, com seus ônibus elétricos verdes, sua meninada enchendo as praças, e essas inumeráveis motocicletas de dois assentos, lambretas ou vespas, em que os namorados menos ricos levam na garupa suas pequenas. Os partidos políticos brigam pelos jornais, o governo italiano fecha seu consulado em Bratislava e convida a Tcheco-Eslováquia a fechar o seu em Milão; ninguém vê com alegria o rearmamento da Alemanha, a questão de Trieste continua enguiçada, Nápoles vira o-se naval americana — mas os namorados continuam a comprar flôres na Piazza di Spagna, uma tarde na Piazza Navona tem sempre um ar de festa, e as trattorias estão cheias de gente que bebe grosso e fala alto.

Com toda a sua civilização milenar, o italiano continua a ser uma raça nova, de uma bela vitalidade animal. Eu começava a comer sossegado um pedaço de cabrito, no camaranchão de uma trattoria, quando senti alguns leves pingos de chuva. Imediatamente as garções começaram a olhar para o alto, a estender os braços e a gritar:

— Piove!

O patrão veio, sua mulher gorda veio, três meninos vieram, todos olbavam o céu, faziam gestos:

— Piove! Piove!

E na mesa ao lado dois homens e uma mulher também se ergueram. E como num ballet bulesco, todo mundo, todos os fregueses, até o cozinheiro e seus ajudantes se puseram a gritar e depois a carregar cadeiras e toanas, gritando e rindo, numa espécie de excitação animal, como pássaros assanhados:

— Piove! Piove!

Mas era apenas uma nuvenzinha branca que logo passou no céu azul, levada pelo vento. Uma nuvenzinha que não cair algumas gotas de água, que em Londres não conseguiria provocar mais de dois ou três olhares para o alto, dos fregueses fleumáticos. Para os italianos foi um susto, uma festa, um extraordinário bailado que durou dois minutos — e terminou para que os garções pudessem trazer lá de dentro, sempre a correr, seus belos pratos de massa fumegantes.

R. B.